

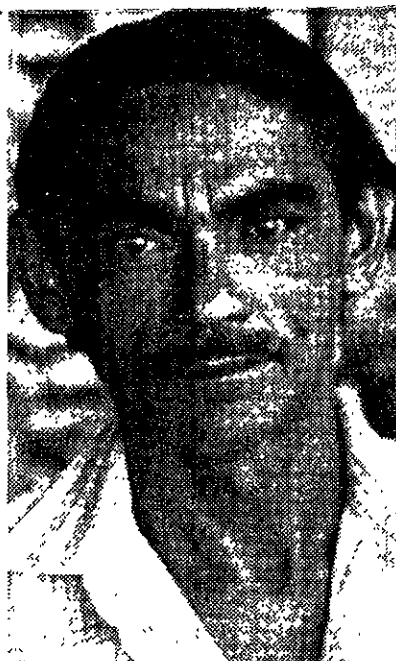
CEDI

Povos Indígenas no Brasil

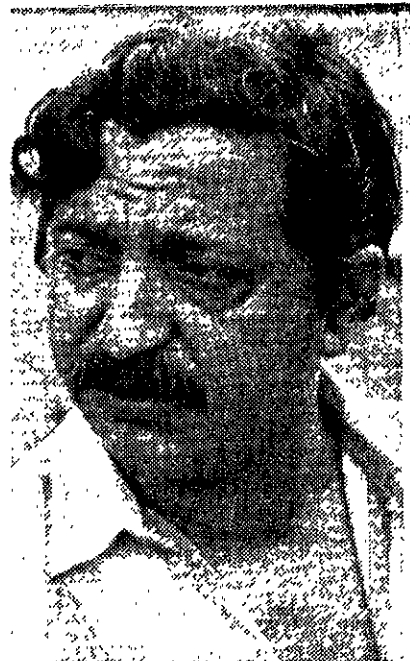
Fonte Jornal do Brasil Class.: Seringueiro
 Data 28/02/88 Pg.: 15 206



Raimundo, o sindicalista



Jaime lidera mobilização



Chico Mendes, o premiado

Waldorf Astoria aplaude seringueiro

A platéia era daquelas que — como disse alguém — não precisava bater palmas, bastava chacoalhar as jóias. O chiquerrimo Waldorf Astoria, de Nova Iorque, ouviu, siderado, o discurso do seringueiro acreano Francisco Mendes, 43 anos, com a reverência que se presta a um mito da Amazônia.

No dia 5 de junho de 1987, Dia do Meio Ambiente, a distinção de Chico Mendes como único brasileiro entre 500 personalidades mundiais ligadas à defesa do meio ambiente agraciadas com o Prêmio Global 500, da ONU, provocou mal-estar no Rio e em São Paulo. Não havia um ecologista, nem um jornalista bem informado, que soubesse quem era *Chico Seringueiro*.

"Foi um sonho. Nunca pensei nisso. Fico constrangido porque os brasileiros não deram importância para a luta que os estrangeiros reconheceram. Os principais jornais do mundo divulgaram nossos problemas. Aqui, muito poucos. O pessoal lá fora parece mais preocupado com a nossa realidade do que nós mesmos. É triste", diz o seringueiro.

O Conselho Nacional de Seringueiros está conquistando atenções cada vez maiores. "O seringueiro saiu da floresta para Brasília na hora certa", observa Jaime da Silva Araújo, 47 anos, presiden-

te do Conselho, "entidade ecológica, suprapartidária, de defesa do homem extrativista, dedicada a disseminar a consciência ambiental nos povos da floresta". Três anos de mobilização convenceram o Inca a adotar o Projeto de Assentamento Extrativista como alternativa de exploração auto-sustentável para a Amazônia, em julho de 1987.

Em janeiro de 1987, o Conselho lançou as bases de um pacto de grande alcance, a Ahança dos Povos da Floresta, unindo, em Brasília, a União das Nações Indígenas (UNI) e o Conselho num programa de defesa da floresta e do direito à terra. Resgata-se, assim, uma dívida histórica, a do antagonismo entre seringueiros e índios.

"Fomos empurrados contra os índios há muitos anos. Os primeiros seringueiros foram eles, os kaxinawá e os geminawá. Mas temos a mesma vivência, a mesma luta e os mesmos inimigos, o latifúndio e as madeireiras. Hoje, os seringueiros estão mais juntos dos índios do que a Funai", diz Jaime Araújo.

Raimundo Mendes de Barros, 43, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, o maior do Acre, e membro do Conselho, reitera que só a mobilização da população da floresta "poderá oferecer resistência contra a vio-

lação dos seus direitos e defender o meio ambiente". Entre 1970 e 1975, a incorporação do Acre à fronteira extensiva do capitalismo gerou uma especulação fundiária que acarretou a transferência de 60% das terras do estado para empresários do Sul. Mais de 30 mil seringueiros foram expulsos para a Bolívia. "Saímos do escravismo direto para o capitalismo", nota Chico Mendes.

Muitos perguntam aos seringueiros sobre as dificuldades de fazer avançar o sindicalismo entre seringueiros solitários, isolados da selva remota. "São obstáculos aparentes. O isolamento intensifica a solidariedade entre os homens. Reforça os laços familiares, a amizade e a cordialidade entre as pessoas.", afirma Araújo.

— Não quero ser peão de fazenda, nem favelado na cidade. Não quero meus filhos marginalizados. Estamos defendendo nossa profissão e nosso modo de vida. Defendemos o mercado para os nossos produtos. No futuro, lutaremos pela industrialização. Somos a favor do progresso e contra a depredação do patrimônio natural dos brasileiros. Vamos provar que a castanha produz mais que o boi e que a seringueira é mais rentável ao país do que o vaqueiro — garante o presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros. (R.A.)